

Iniciador de vacinação defende ação de Sabin

Do serviço local e da sucursal

"Entendo — e concordo com Sabin a esta altura — de que a vacinação antipoliomelite no Brasil foi mal feita, e inclino-me a apoia-lo quando ele afirma suspeitar que a incidência real de casos é dez vezes maior do que se admite oficialmente", revelou ontem, em São Paulo, o deputado estadual Fauze Carlos, ex-diretor de pesquisa do Instituto Butantan e o pioneiro em 1961, da aplicação desta vacina no Brasil.

"Sei, pela experiência que tenho — ressaltou Fauze Carlos — que, lamentavelmente, essa vacinação não foi feita de acordo com os padrões desejados. Além de faltarem vacinas de boa qualidade, a continuidade do programa sofreu interrupções desastrosas, que acabaram permitindo o surgimento de novos focos. Além disso, as campanhas não conscientizaram corretamente a população, que nem sempre procurou aplicar as quatro doses em tempo hábil."

Fauze Carlos defendeu a competência do cientista e a pesquisa residual que ele pretendia realizar no Brasil, e que motivou o desentendimento com o Ministério da Saúde. "Tenho profundo respeito por este homem que, mais do que um cientista, é um benfeitor da humanidade, cujo trabalho tem objetivos tão dignificantes, que se coloca acima de quaisquer ingerências — sobretudo se políticas. Embora esteja acompanhando esse episódio apenas através da imprensa, e desconheça a finalidade de pesquisa que Sabin pretendia realizar, acredito que a intenção fosse avaliar o progresso da moléstia e o número real de casos. Não entendo porque o Ministério da Saúde recusou-se a permiti-la, mas os argumentos que usou para justificar essa decisão estranha não são convincentes. A pesquisa é indispensável, e seria prioritária em face do novo surto surgindo no Sul do País."

O deputado Fauze Carlos recordou declarações de Albert Sabin divulgadas pela imprensa brasileira, em janeiro, nas quais o cientista criticava a fal-



Telefoto Estado

O cientista informa que só falará em conferências

ta de continuidade dos programas imunizatórios, atribuindo a isso a eclosão de novos surtos, como o do Paraná. Sabin ressaltou nessas entrevistas que as vacinações feitas em 1961, no Rio de Janeiro e em São Paulo, apresentaram bons resultados justamente porque não sofre-

ram interrupções. "Como nos últimos anos as interrupções se tornaram mais comuns e, dadas as condições sanitárias do País, a pesquisa residual proposta por Sabin ajudaria a fazer o levantamento do que foi feito e, principalmente, revelaria as principais falhas cometidas na

vacinação, razão pela qual seria extremamente útil", observou.

No começo da tarde, Fauze Carlos manteve um contato telefônico com Sabin que prometeu uma visita a São Paulo, na próxima terça-feira. Na oportunidade, o ex-diretor de pesquisas do Instituto Butantan pretende inteirar-se dos fatos que envolveram a desistência de Sabin do projeto de colaboração com o governo brasileiro. Depois disso, Fauze Carlos fará um pronunciamento na Assembleia Legislativa.

OPORTUNA

Também no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, o episódio que envolve o cientista está sendo acompanhado com interesse. Médicos e diretores dessa entidade reafirmaram, ontem, total confiança ao trabalho de Sabin, ressaltando que "sua capacidade não admite dúvidas, porque ele é um dos nomes mais respeitados pela comunidade científica internacional".

Médicos do Emílio Ribas também defendem a realização da pesquisa residual, sobretudo diante da incidência de casos no Paraná e na periferia de São Paulo, "onde a escassez de informações e de recursos torna grande parcela da população vulnerável à moléstia". Além de defenderem a vacina Sabin, que consideram o método mais adequado de combater a pólio, eles lembraram que o perigo da moléstia não incide apenas sobre crianças, mas também sobre adultos nunca imunizados — o que pouca gente sabe.

No Rio, o professor Albert Sabin, mantendo a posição que adotou desde que deixou Brasília na última semana, continuou hospedado no apartamento 2812 do Hotel Meridien, sem querer fazer comentários sobre suas divergências com o ministro da Saúde, Waldyr Arcoverde. O cientista voltou a afirmar que não quer alimentar polêmicas sobre o assunto e que tudo o que tem a dizer em relação ao combate à poliomelite no Brasil, será dito em duas conferências, que fará antes de embarcar de volta aos Estados Unidos, na próxima quinta-feira.